

PROJETO DE PERFURAÇÃO DE POÇO TUBULAR PROFUNDO

Sinimbu/RS

Resumo

O presente projeto compõe parte da documentação a ser apresentada com vistas a subsidiar o processo licitatório para contratação de empresa para a realização de obras para a perfuração de poço para captação de água subterrânea na localidade de Linha Branca, interior do município de Sinimbu/RS



Integra

Geologia, Engenharia e Meio Ambiente

SUMÁRIO

I	DADOS DO EMPREENDEDOR.....	2
I.1	DADOS DA EMPRESA RESPONSÁVEL PELA AVALIAÇÃO	2
I.2	TÉCNICO RESPONSÁVEL PELO TRABALHO	2
II	INTRODUÇÃO	3
II.1	OBJETIVOS	4
II.2	METODOLOGIA	4
III	CARACTERIZAÇÃO DO MEIO FÍSICO	5
III.1	GEOLOGIA REGIONAL	5
III.2	GEOLOGIA LOCAL	5
III.3	GEOMORFOLOGIA	7
III.4	HIDROGEOLOGIA	9
IV	LOCAÇÃO DE POÇO	13
IV.1	LOCALIZAÇÃO E VIAS DE ACESSO.....	13
V	PROJETO DE PERFURAÇÃO	15
V.1	ETAPA PRELIMINAR	15
V.2	PERFURAÇÃO.....	15
V.3	REGISTRO DE PERFURAÇÃO.....	15
V.4	FLUIDO DE PERFURAÇÃO	16
V.5	COLETA DE AMOSTRAS DA PERFURAÇÃO.....	16
V.6	POÇO NÃO PRODUTIVO	16
VI	PROJETO CONSTRUTIVO FINAL DOS POÇOS	17
VI.1	COMPLETAÇÃO.....	17
VI.1.1	REVESTIMENTO	17
VI.1.2	CIMENTAÇÕES	17
VI.2	DESENVOLVIMENTO DO POÇO.....	18
VI.3	TAMPONAMENTO	18
VI.4	SISTEMA DE BOMBEAMENTO	18
VI.5	LAJE E PROTEÇÃO SANITÁRIA	19
VI.6	RELATÓRIO FINAL DE PERFURAÇÃO.....	20
VII	ETAPAS PÓS PERFURAÇÃO	21
VII.1.1	REQUISITOS PARA A REALIZAÇÃO DOS TESTES	21
VII.1.2	TESTE DE BOMBEAMENTO	21
VII.1.3	TESTE DE RECUPERAÇÃO DO NÍVEL.....	22
VII.2	DESINFECÇÃO.....	23
VII.3	COLETA DE AMOSTRA DE ÁGUA PARA ANÁLISE FÍSICO-QUÍMICA E BACTERIOLÓGICA 23	23
VII.4	CERCAMENTO	23
VIII	OUTORGA DE USO DO RECURSO HÍDRICO SUBTERRÂNEO	24
IX	PERFIL CONSTRUTIVO PADRÃO	25
X	IMPLANTAÇÃO DE MEDIDAS MITIGADORAS DE IMPACTO AMBIENTAL E DE SAÚDE DOS PROFISSIONAIS	27
XI	RESPONSÁVEL	28

Lista de Figuras

Figura 1. Localização da área de estudo	3
Figura 2. Mapa geológico da área de perfuração do poço. Fonte: Modificado por Integra Geologia Ambiental de CPRM.	7
Figura 3. Modelo de elevação do terreno com exagero vertical de 2,0x, com identificação de pontos cotados. Vista para Norte. Fonte: <i>Google Earth</i>	8
Figura 4. Mapa Geomorfológico da área de estudo. Fonte: BDIA, IBGE - 2019.	9
Figura 5. Mapa de lineamentos da área. Fonte: Imagem SRTM.	10
Figura 6. Mapa hidrogeológico da região onde será perfurado o poço, com localização de poços próximos. Fonte: Modificado por Integra Geologia Ambiental de CPRM, 2013.	12
Figura 7. Imagem de satélite da área de estudo, na qual a área delimitada está destacada em amarelo, enquanto os pontos em azul indicam as localizações previstas para a perfuração do poço.	14
Figura 8. Modelo de planilha para realização do teste de vazão com apresentação dos resultados em gráfico com escala logarítmica e equação da reta.	22
Figura 9. Perfil geológico e construtivo de poço tubular com 150 m de profundidade, 10" de diâmetro de perfuração e 4" de diâmetro útil (revestimento). Pontos 1, 2 e 3.	26

I DADOS DO EMPREENDEDOR

Nome	MUNICÍPIO DE SINIMBU
Endereço	Avenida General Flores da Cunha, nº 449. CEP 96890-000
Município	Sinimbu/RS
CNPJ	94.577.632/0001-66
Telefone	(51) 99962-7885
E-mail	administracao@sinimbu.rs.gov.br

I.1 DADOS DA EMPRESA RESPONSÁVEL PELA AVALIAÇÃO

Razão Social	INTEGRA GEOLOGIA AMBIENTAL LTDA.												
Endereço	Rua Ervino Arthur Thomas, 364 – Universitário – 95914-084												
Município	Lajeado/RS												
CNPJ	28.075.541/0001-06												
Contato	Geólogo Jonatas Monteiro da Silva Avelino												
E-mail	contato@integraambiental.com												
Telefone/Fax	(51) 4064-0247 - (51) 98652-6702												
Registro CREA RS	228179												
Responsáveis Técnicos	<table><tr><td>CHARLES OTAVIANO FERREIRA DA SILVA</td><td>Engenheiro Civil</td></tr><tr><td>GLAUCO RAFAELE BAO</td><td>Engenheiro Químico</td></tr><tr><td>JONATAS MONTEIRO DA SILVA AVELINO</td><td>Geólogo</td></tr><tr><td>LEONARDO FERREIRA CENCI</td><td>Engenheiro Agrônomo, Técnico em Zootecnia</td></tr><tr><td>ALBERTO TOGNI</td><td>Engenheiro Mecânico</td></tr><tr><td>GUSTAVO SCHMIDT DOS ANJOS</td><td>Engenheiro Eletricista</td></tr></table>	CHARLES OTAVIANO FERREIRA DA SILVA	Engenheiro Civil	GLAUCO RAFAELE BAO	Engenheiro Químico	JONATAS MONTEIRO DA SILVA AVELINO	Geólogo	LEONARDO FERREIRA CENCI	Engenheiro Agrônomo, Técnico em Zootecnia	ALBERTO TOGNI	Engenheiro Mecânico	GUSTAVO SCHMIDT DOS ANJOS	Engenheiro Eletricista
CHARLES OTAVIANO FERREIRA DA SILVA	Engenheiro Civil												
GLAUCO RAFAELE BAO	Engenheiro Químico												
JONATAS MONTEIRO DA SILVA AVELINO	Geólogo												
LEONARDO FERREIRA CENCI	Engenheiro Agrônomo, Técnico em Zootecnia												
ALBERTO TOGNI	Engenheiro Mecânico												
GUSTAVO SCHMIDT DOS ANJOS	Engenheiro Eletricista												
Registro CRBio	001114-03/2019												
Responsável Técnico	<table><tr><td>FRANCIELA DAL CERO</td><td>Bióloga</td></tr></table>	FRANCIELA DAL CERO	Bióloga										
FRANCIELA DAL CERO	Bióloga												

I.2 TÉCNICO RESPONSÁVEL PELO TRABALHO

Profissional	Formação	Registro	Função
Jonatas Monteiro da Silva Avelino	Geólogo	CREA RS215058	Responsável Técnico
Francisco Carlos Pereira de Jesus	Geólogo	CREA RS272210	Analista Ambiental

A Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) do responsável técnico está apresentada no Anexo I.

II INTRODUÇÃO

O município de Sinimbu se localiza no centro-oeste do estado do Rio Grande do Sul, na região de Santa Cruz do Sul, contendo uma área territorial de 510,213 km². Limita-se a norte pelos municípios de Gramado Xavier, Boqueirão do Leão e Venâncio Aires; a leste pelo município de Santa Cruz do Sul; a sul pelo município de Vera Cruz; e a oeste pelos municípios de Vale do Sol, Herveiras, Passa Sete e Lagoão. O acesso terrestre para Sinimbu é feito através da rodovia BR-471, que o liga entre os municípios de Santa Cruz do Sul e Herveiras.

De acordo com o IBGE (2022), o município de Sinimbu conta com 8.578 habitantes, com uma densidade demográfica de 16,81 habitantes/km². Territorialmente, é dividido em área urbana e rural, onde também se subdivide em 27 linhas rurais.

A área de estudo se localiza dentro da Localidade Linha Branca, no interior do município de Sinimbu, com coordenadas de latitude -29°24'34"815 e longitude -52°36'12"163 em datum SIRGAS 2000 (Figura 1). A localidade de Linha Branca vem sofrendo sistematicamente com a escassez de água e estiagens recorrentes durante os últimos anos. A instalação de um novo poço tubular na região favorecerá a população residente na área, que sofre em momentos de escassez e eventuais secas no estado com a falta de água.

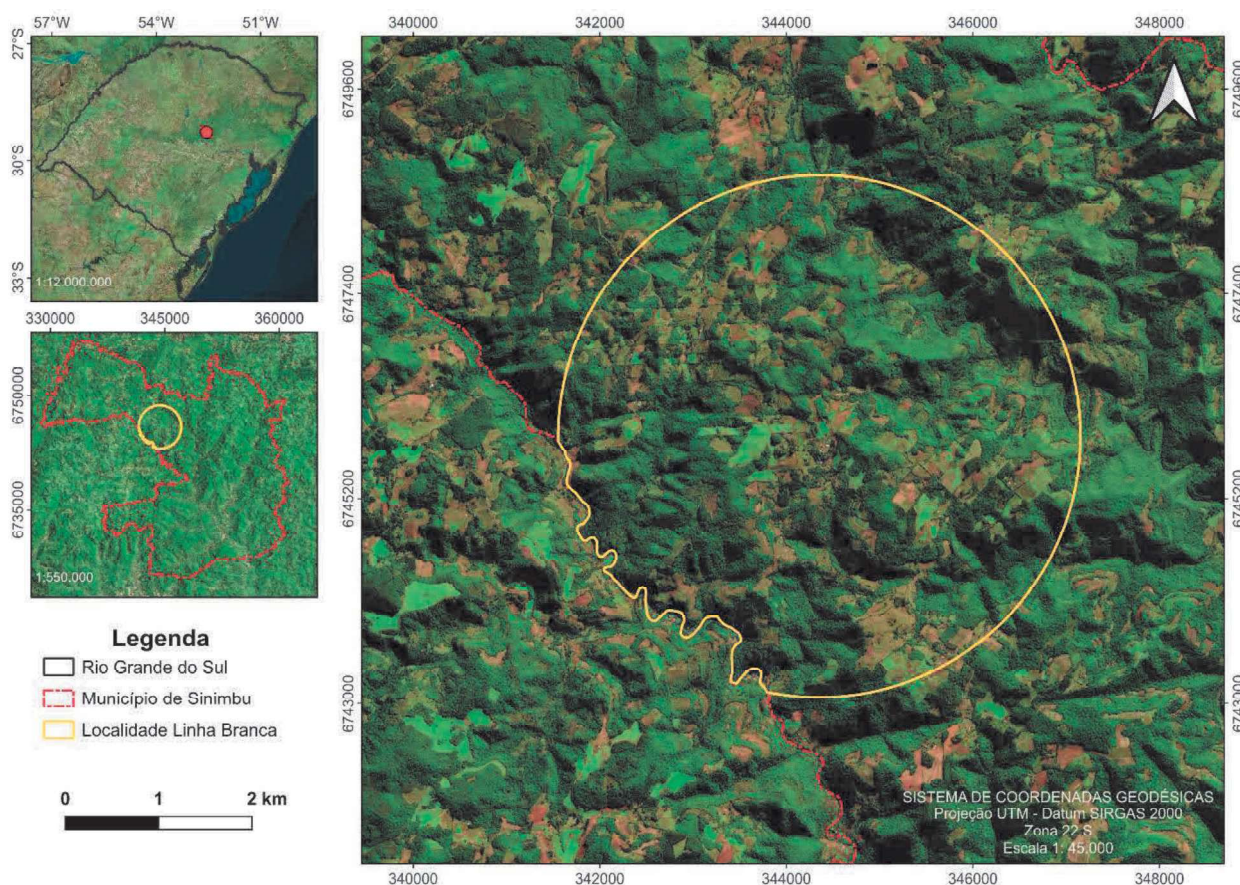


Figura 1. Localização da área de estudo

II.1 OBJETIVOS

O presente estudo objetiva realizar análise das condições geológicas, hidrogeológicas e geomorfológicas da região de Sinimbu (Figura 1), para fins de indicar melhor local para a perfuração de poço artesiano, a profundidade estimada, o volume e qualidade da água.

Dentre os objetivos específicos estão o enquadramento das características do meio físico existente ao longo da área total do terreno para definir a locação do poço e elaboração de projeto de poço com aspectos construtivos, contemplando os seguintes itens:

- a) Localização e acesso à área, com croquis regional e local; Descrição sucinta dos aspectos principais do meio-físico (geologia, hidrografia, geomorfologia e hidrogeologia) obtida a partir de levantamento de dados secundários;
- b) Mapeamento geológico básico da área do terreno com a descrição das litologias do substrato e a indicação das respectivas formações onde se inserem;
- c) Levantamento do uso e ocupação do entorno da área e caracterização em imagem (Google Earth) dos aspectos mais significativos do uso atual;
- d) Levantamento no cadastro do SIAGAS e SIOUT de poços tubulares profundos instalados e licenciados, próximos à área;
- e) Detalhamento do método construtivo e perfil geológico esperado.
- f) Informar quais as características das águas esperada para o poço.

II.2 METODOLOGIA

A metodologia empregada consiste na consulta bibliográfica para obtenção de dados secundários e visita in loco para caracterização do terreno e informações quanto a geologia, geomorfologia e hidrogeologia. Para levantamento dos dados apresentados, foi realizada vistoria no local de estudo.

III CARACTERIZAÇÃO DO MEIO FÍSICO

III.1 GEOLOGIA REGIONAL

As unidades geológicas da região estão inseridas no contexto da Bacia do Paraná e pertencem ao intervalo Permo-Triássico. Esta bacia é composta por diversas formações sedimentares cobertas por derrames de rochas vulcânicas no topo e situa-se na porção centro-leste da América do Sul. Desenvolveu-se durante parte das eras Paleozóica e Mesozóica, e seu registro sedimentar compreende rochas formadas do Período Ordoviciano ao Cretáceo, abrangendo um intervalo de tempo entre 460 e 65 milhões de anos atrás.

Durante o Cretáceo volumes gigantescos de lavas foram injetados e extravasados em toda a Bacia do Paraná, cobrindo o então deserto Botucatu (representado pela Formação Botucatu) em dezenas de derrames que constituem a Formação Serra Geral.

A Formação Botucatu é constituída por rochas sedimentares do Triássico Superior, subjacentes a Formação Serra Geral ou aflorantes em porções localizadas, com espessuras que variam de 20 a 120 metros. São arenitos arcóseos a quartzosos de coloração rosada, boa seleção e granulometria variando de média a fina. Como estrutura predominante apresenta estratificações cruzadas de grande porte, características de ambiente eólico.

A Formação Serra Geral compreende os derrames de lava basáltica de material toleítico, com intercalações arenosas, relacionada aos eventos de vulcanismo fissural que recobrem 1,2 milhões de km². É composta essencialmente por basaltos, andesitos, riolitos e riodacitos e formações sedimentares em menor proporção. O município é composto pelas fácies Caxias e fácies Gramado, Formação Botucatu e Depósitos Aluviais, conforme verificado na Figura 2.

III.2 GEOLOGIA LOCAL

De acordo com o mapa geológico do estado do Rio Grande do Sul (CPRM, 2007), a área encontra-se nas classificações litológicas da Formação Botucatu e das Fácies Gramado e Caxias, inseridas dentro da Formação Serra Geral, pertencente ao contexto estratigráfico da Bacia do Paraná (Figura 2).

A Formação Botucatu é composta por sedimentos de areia, incluindo arenitos variando de grãos finos a grossos, bem arredondados e com alta esfericidade e siltitos depositados durante o Jurássico Superior com idade em torno de 130 a 140 milhões de anos. Esses sedimentos foram depositados em ambiente continental desértico e em depósito de dunas de areia, resultando em estruturas sedimentares típicas, como estratificação cruzada de grande porte, marcas de vento e camadas de areia bem estratificadas. A rocha predominante é um arenito avermelhado, o que reflete o ambiente árido em que se formou. A cor avermelhada é devida à presença de óxidos de ferro nos sedimentos.

A Formação Gramado se refere a um conjunto de derrames com espessura máxima em torno de 300 metros que representam as primeiras manifestações vulcânicas sobre os sedimentos arenosos do deserto Botucatu.

As rochas que compõem a Formação Gramado são derrames de basaltos maciços com espessuras entre 15 à 35 metros, com frequentes texturas de fluxo, zonas vesiculares bem desenvolvidas no topo e incipientes na base, e uma porção central formada por rocha granular homogênea, com disjunção colunar bem desenvolvida, textura microfanerítica, compacta e de coloração cinza-escuro a cinza-esverdeado. São comuns as zonas vesiculares pouco desenvolvidas na base e espessas no topo, preenchidas especialmente por zeólitas, carbonatos e apofilitas.

A Fácies Caxias é formada por derrames de composição intermediária a ácida, riolitos a riolitos, mesocráticos, microgranulares a vitrofíricos, textura esferulítica, pode apresentar forte disjunção tabular no topo dos derrames e maciço na porção central. Também pode apresentar dobras de fluxo e autobrechas e vesículas preenchidas por calcedônia e ágata.

Sotoposta às rochas vulcânicas, é encontrada a Formação Botucatu, composta por sedimentos de areia, incluindo arenitos variando de grãos finos a grossos, bem arredondados e com alta esfericidade e siltitos depositados durante o Jurássico Superior com idade em torno de 130 a 140 milhões de anos. Esses sedimentos foram depositados em ambiente continental desértico e em depósito de dunas de areia, resultando em estruturas sedimentares típicas, como estratificação cruzada de grande porte, marcas de vento e camadas de areia bem estratificadas. A rocha predominante é um arenito avermelhado, o que reflete o ambiente árido em que se formou. A cor avermelhada é devida à presença de óxidos de ferro nos sedimentos.

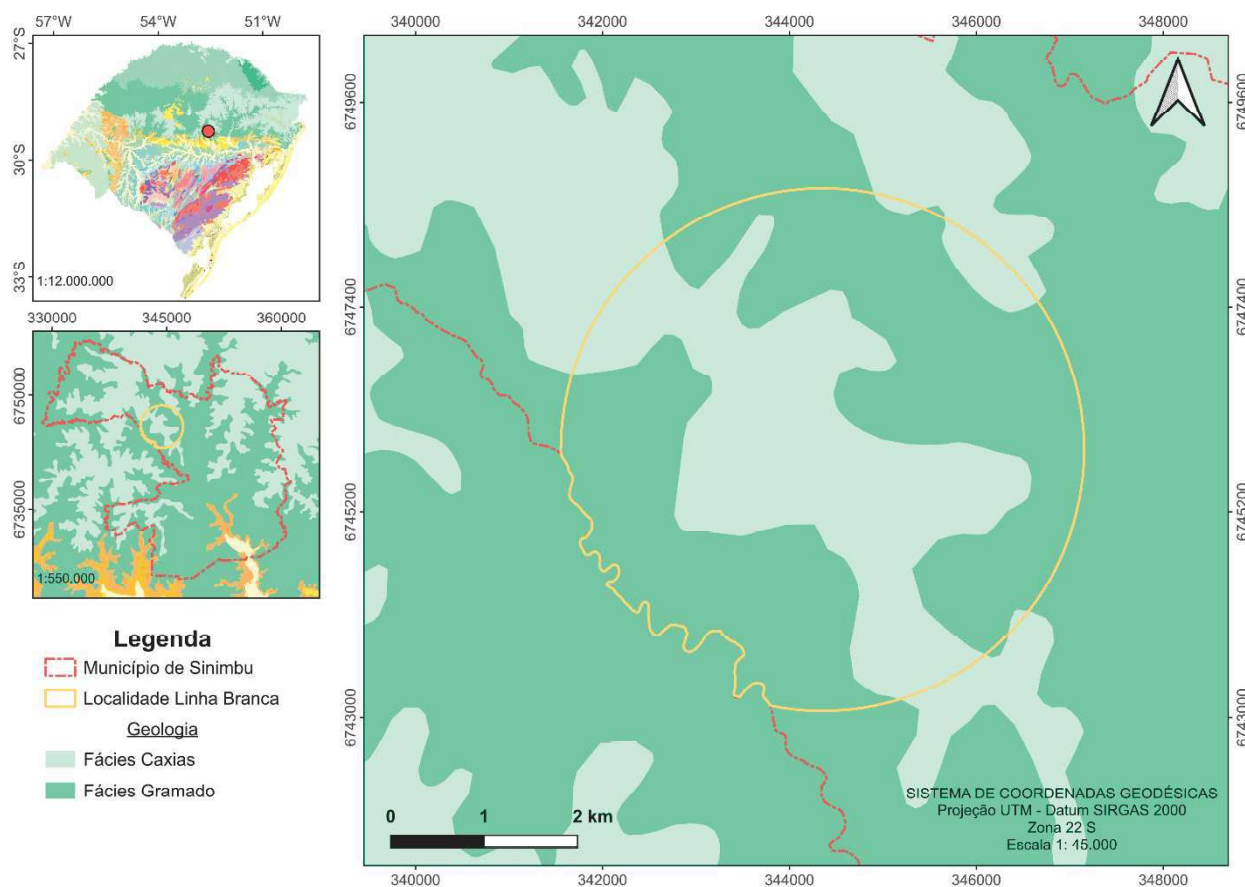


Figura 2. Mapa geológico da área de perfuração do poço. Fonte: Modificado por Integra Geologia Ambiental de CPRM.

III.3 GEOMORFOLOGIA

O Rio Grande do Sul apresenta um relevo bastante acidentado, com formações de depressão, planaltos, planícies e serras. O município de Sinimbu encontra-se localizado a uma altitude média de 77 metros. A área de estudo fica entre as cotas 600 no ponto mais alto (seção noroeste da área de estudo) e de 286 m de altitude na área mais baixa (área de encaixe de rio, em um vale, na região sul da área) (Figura 3).

A geomorfologia presente na área de estudo é predominantemente composta pelas Unidades Geomorfológicas Planaltos dos Campos Gerais e Serra Geral (Figura 4).

A Unidade Planalto dos Campos Gerais representa as áreas mais elevadas do Planalto das Araucárias. Essa Unidade Geomorfológica apresenta-se recortada pelas áreas escarpadas da Serra Geral, fragmentada algumas vezes por áreas de relevo mais dissecado. A unidade caracteriza-se por um relevo de plano a ondulado, representado por topos de morros tabulares ou convexos, e declives menos acentuados.

As formas do relevo do Planalto dos Campos Gerais evidenciam a ocorrência de processos evolutivos de dissecção, observando-se áreas bastante conservadas de morfologia planar,

outras onde os processos erosivos deixaram rupturas de declive ou evidencia-se o alargamento de vales, deixando resíduos da antiga superfície de aplainamento. Esta unidade apresenta uma sucessão de colinas e pequenos morros, separadas por amplos vales de fundo achatado, atualmente, cobertos pela cobertura vegetal dos campos (Oliveira et al., 2015). Sua altitude média é de 768 metros.

A Unidade Serra Geral, por sua vez, se configura como uma borda dissecada do Planalto dos Campos Gerais. O relevo é escarpado, esculpido sobre rochas vulcânicas básicas, predominando o processo de dissecação diferencial, responsável por expressivo recuo das encostas ao longo dos vales fluviais. Possui encostas íngremes e vales encaixados, cujo aprofundamento pode chegar a 1000 metros em alguns locais. O sistema de drenagem possui forte controle estrutural.



Figura 3. Modelo de elevação do terreno com exagero vertical de 2,0x, com identificação de pontos cotados. Vista para Norte. Fonte: *Google Earth*.

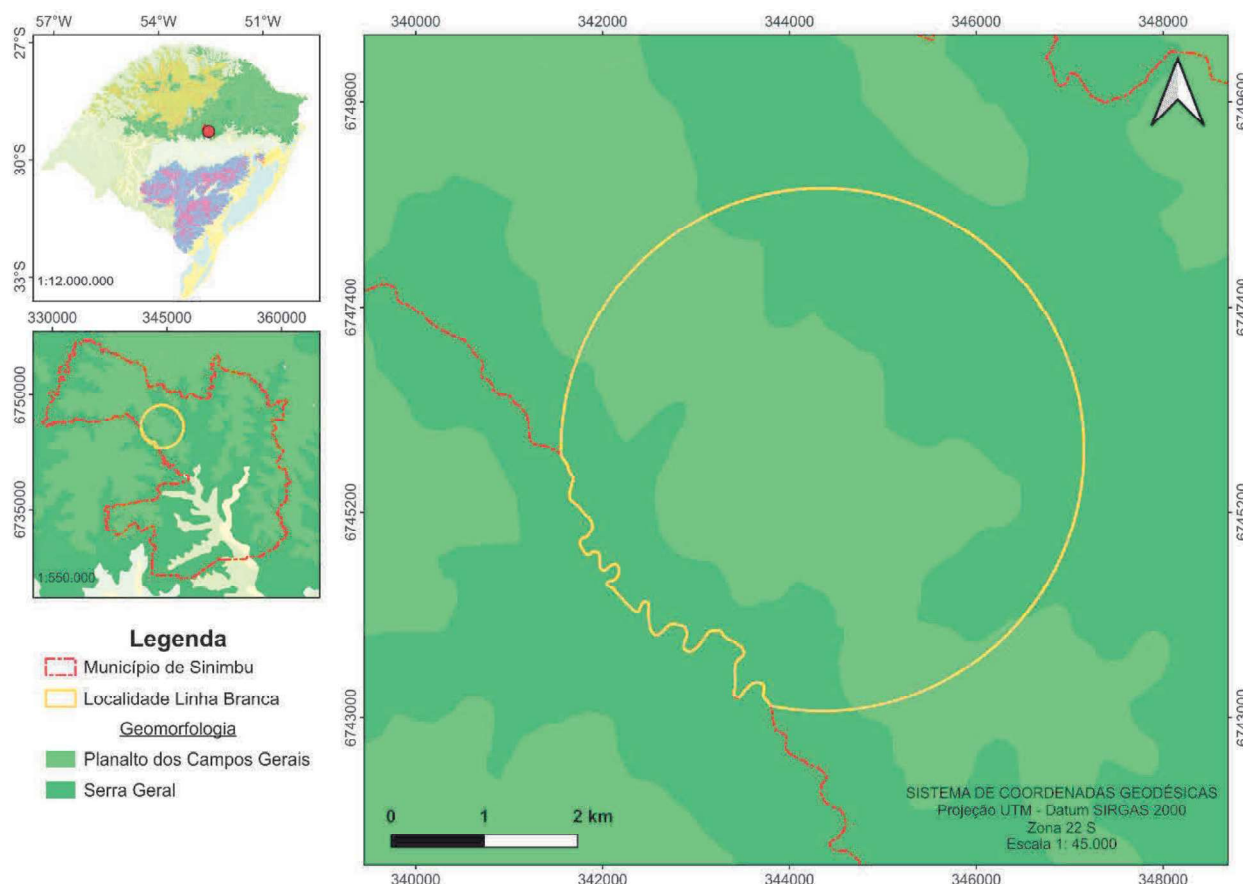


Figura 4. Mapa Geomorfológico da área de estudo. Fonte: BDIA, IBGE - 2019.

III.4 HIDROGEOLOGIA

Os tipos de aquíferos estão intimamente associados às unidades geológicas que ocorrem na área em estudo. As rochas que os compõem foram formadas por diferentes períodos geológicos e ambientes climáticos, sendo que esses fatores imprimiram propriedades hidrogeológicas diferenciadas a cada um dos aquíferos, as quais se refletem na sua produtividade e, também, na sua vulnerabilidade à poluição.

A região se mostra complexa do ponto de vista estrutural, apesar de litologicamente e hidroestratigraficamente serem simples. Sob aspecto estrutural, ela encontra-se fortemente afetada por um conjunto de lineamentos, onde se apresenta de forma expressiva um sistema de direção E-W, subordinamente com um sistema na direção NE-SW. De forma menos expressiva, há um sistema de lineamentos na direção NW-SE. Na Figura 5, traçou-se os lineamentos de drenagem extraídos com base na análise da imagem SRTM.

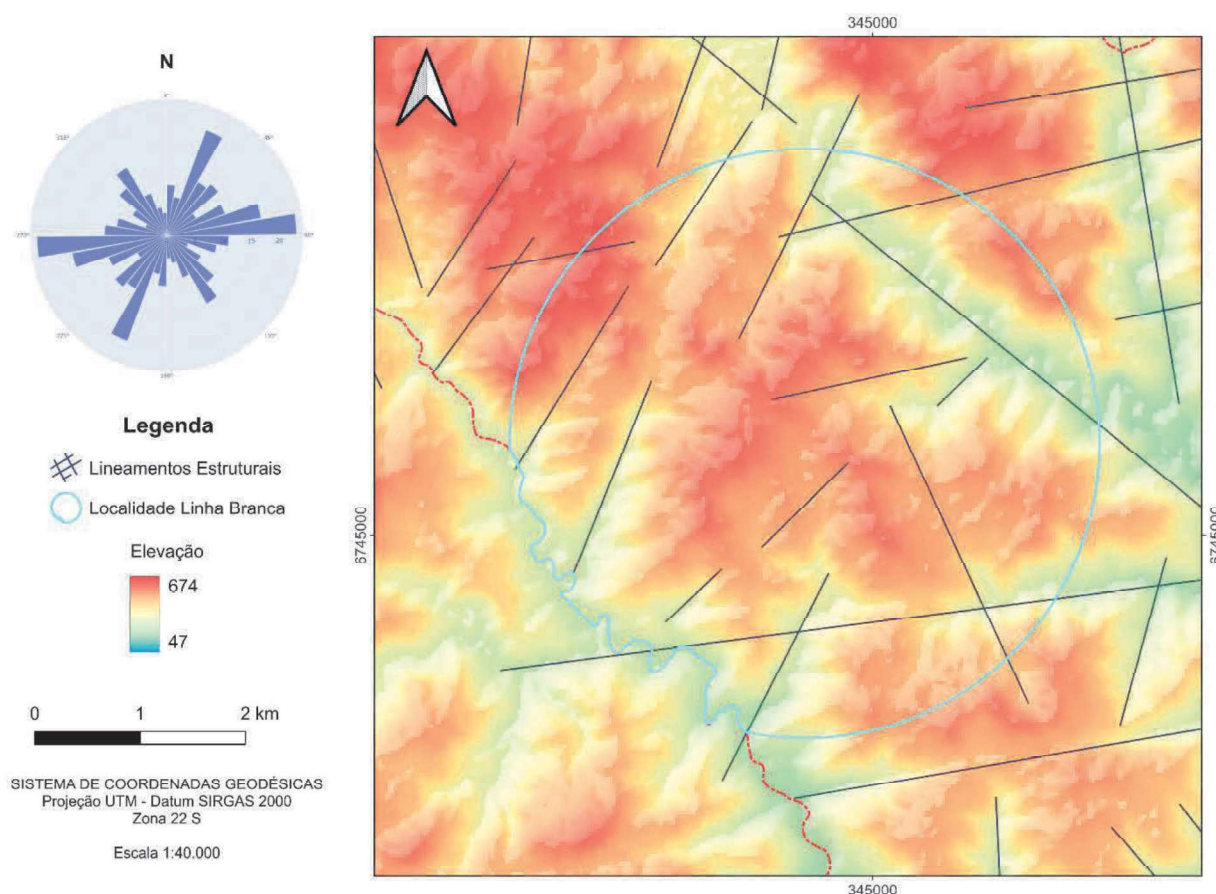


Figura 5. Mapa de lineamentos da área. Fonte: Imagem SRTM.

O arcabouço hidrogeológico da área de estudo é associado às unidades geológicas pertencentes à Província do Paraná, na qual se compreendem principalmente rochas vulcânicas e sedimentares mesozoicas, relacionadas ao preenchimento sedimentar da Bacia do Paraná. As litologias comumente presentes na região integram a Formação Serra Geral, sendo dominado pela Fácies Gramado e Caxias.

A ocorrência e classe de aquíferos locais são intimamente associados a essas unidades geológicas. As rochas que os compõe foram formadas por diferentes períodos geológicos e ambientes climáticos, sendo que esses fatores imprimem propriedades hidrogeológicas diferenciadas a cada um dos aquíferos, as quais se refletem na sua produtividade e, também, na sua vulnerabilidade à poluição.

Os aquíferos que ocorrem nessa região são caracterizados pela presença de porosidade primária e secundária, por meio de poros intergranulares e fraturas na rocha, e estão associados ao Sistema Aquífero Serra Geral II.

- **Sistema Aquífero Serra Geral II**

De forma geral, o Sistema Aquífero Serra Geral II ocupa a parte oeste do Estado, os limites das rochas vulcânicas com o rio Uruguai e as litologias gonduânicas além da extensa área nordeste do planalto associada com os derrames da Unidade Hidroestratigráfica Serra Geral. Suas

litologias são predominantemente riolitos, riodacitos e em menor proporção, basaltos fraturados. A capacidade específica é inferior a 0,5 m³/h/m, entretanto, excepcionalmente em áreas mais fraturadas ou com arenitos na base do sistema, podem ser encontrados valores superiores a 2 m³/h/m. As salinidades apresentam valores baixos, geralmente inferiores a 250 mg/l. Valores maiores de pH, salinidade e teores de sódio podem ser encontrados nas áreas influenciadas por descargas ascendentes do Sistema Aquífero Guarani.

Com característica fissural, este sistema aquífero se desenvolve ao longo de fraturas e descontinuidades, compreendendo zonas vesiculares e amigdaloides de topo de derrame e zonas de disjunção horizontal. Estas feições, quando interceptadas por zonas de fraturas, interconectam-se e podem armazenar grandes volumes de água.

- **Sistema Aquífero Botucatu**

De forma geral, o Sistema Aquífero Botucatu compreende todas as áreas de afloramento e de pequeno confinamento por rochas vulcânicas, localizando-se principalmente na região central do Estado, próximo das bordas escarpadas do planalto basáltico. Tratam-se de arenitos de granulometria média, endurecidos por cimento ferruginoso ou silicoso, em cotas topográficas altas e com morfologia escarpada. Os afloramentos de arenitos deste sistema, por conta de sua condição topo-estrutural e cimentação, não são bons armazenadores de água, resultando em poços secos.

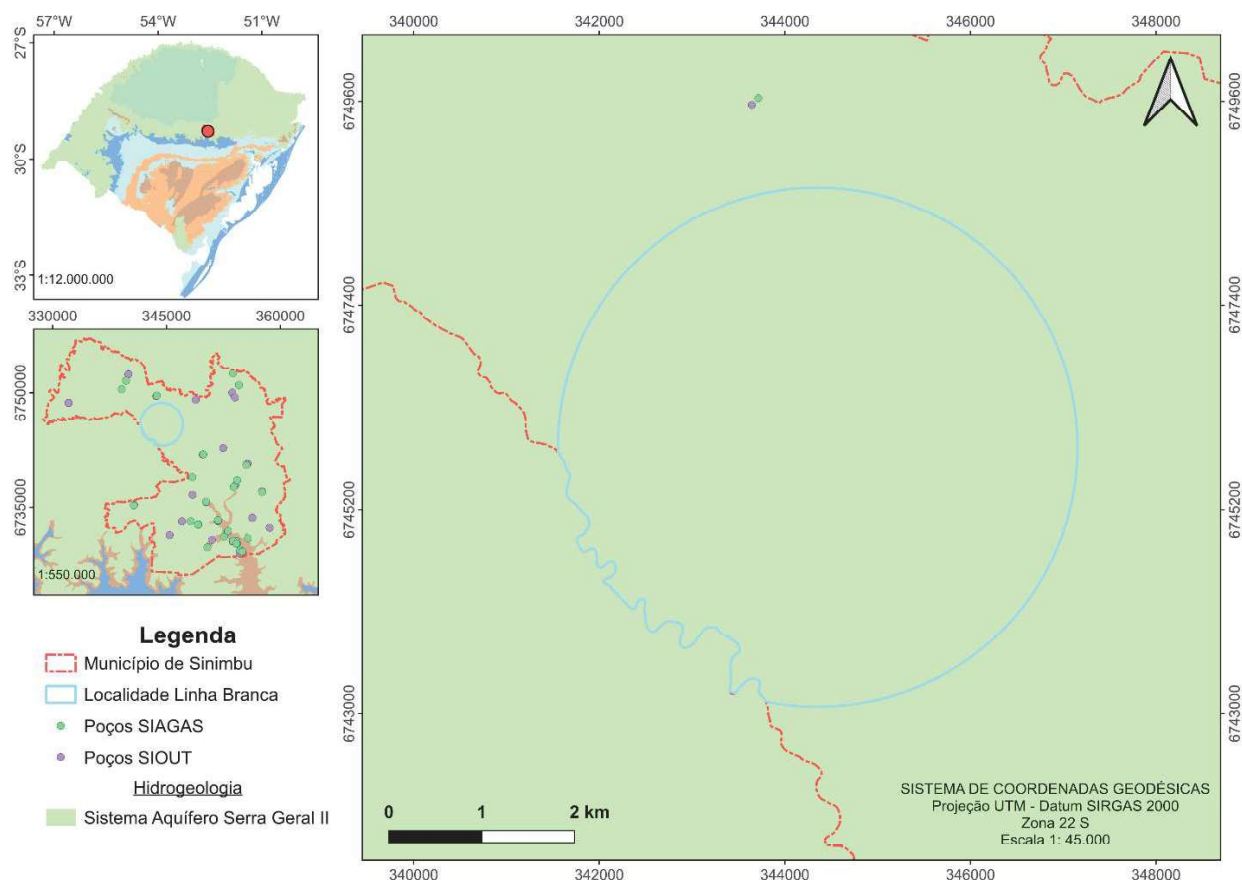


Figura 6. Mapa hidrogeológico da região onde será perfurado o poço, com localização de poços próximos. Fonte: Modificado por Integra Geologia Ambiental de CPRM, 2013.

O município de Sinimbu possui uma distribuição irregular de poços tubulares, sendo concentrados em maior parte na região sul, que é mais urbanizada, e no extremo norte do município, com menor distribuição de poços tubulares na região central do município. Dentro da área de estudo, não foram encontrados poços cadastrados nos sistemas SIOUT e SIAGAS. Foram observados 2 poços, a norte da área, dispostos na tabela abaixo.

Tabela 1. Poços tubulares cadastrados nos sistemas SIOUT e SIAGAS na área de estudo

NÚMERO DO CADASTRO	SISTEMA CADASTRADO
4300024890	SIAGAS
2025/014.446	SIOUT

IV LOCAÇÃO DE POÇO

Ao considerar a profundidade estimada do poço e a litologia da área, foram considerados, além do estudo realizado, os aspectos geológicos, geomorfológicos e hidrogeológicos disponíveis, bem como a presença de poços próximos, para estabelecer o perfil geológico esperado e estimar profundidade do poço.

IV.1 LOCALIZAÇÃO E VIAS DE ACESSO

Em consideração aos estudos realizados, foram propostos três pontos com maior probabilidade de se encontrar água subterrânea nos Sistemas Aquíferos Serra Geral II e Botucatu, em profundidades de até 150 metros com vazões esperadas em 7 m³/hora. Os pontos foram hierarquizados por ordem de prioridade de perfuração, sendo o ponto 1 o local preferencial, considerado o mais favorável; na eventualidade de resultado negativo, sugere-se a perfuração no ponto 2 e, se necessário, no ponto 3.

Os prováveis pontos para perfuração estão dispostos na Tabela 2, contendo suas cotas topográficas e coordenadas geográficas (latitude e longitude), distribuídos dentro da área de estudo, conforme Figura 7. A área de estudo dista aproximadamente 15 km da Prefeitura de Sinimbu. As ruas de acesso não são pavimentadas, porém com boa manutenção, não havendo dificuldade para o acesso de máquinas de grande porte. Há presença de rede elétrica monofásica no local, facilitando procedimentos de perfuração, instalação e demais testes no poço.

Atualmente, a região onde é pretendida a perfuração do poço não dispõe de torre, reservatório, adução ou rede de distribuição para a plena disponibilização a curto prazo da água provinda do poço tubular à comunidade local. Apenas após a perfuração do poço, e conferida vazão e produtividade suficiente para o abastecimento da localidade de Linha Branca, é que serão executados os projetos de instalação de reservatório (estimado inicialmente em 10.000 litros, podendo ser alterado conforme a produtividade do poço), sistema de adução e rede de distribuição aos moradores.

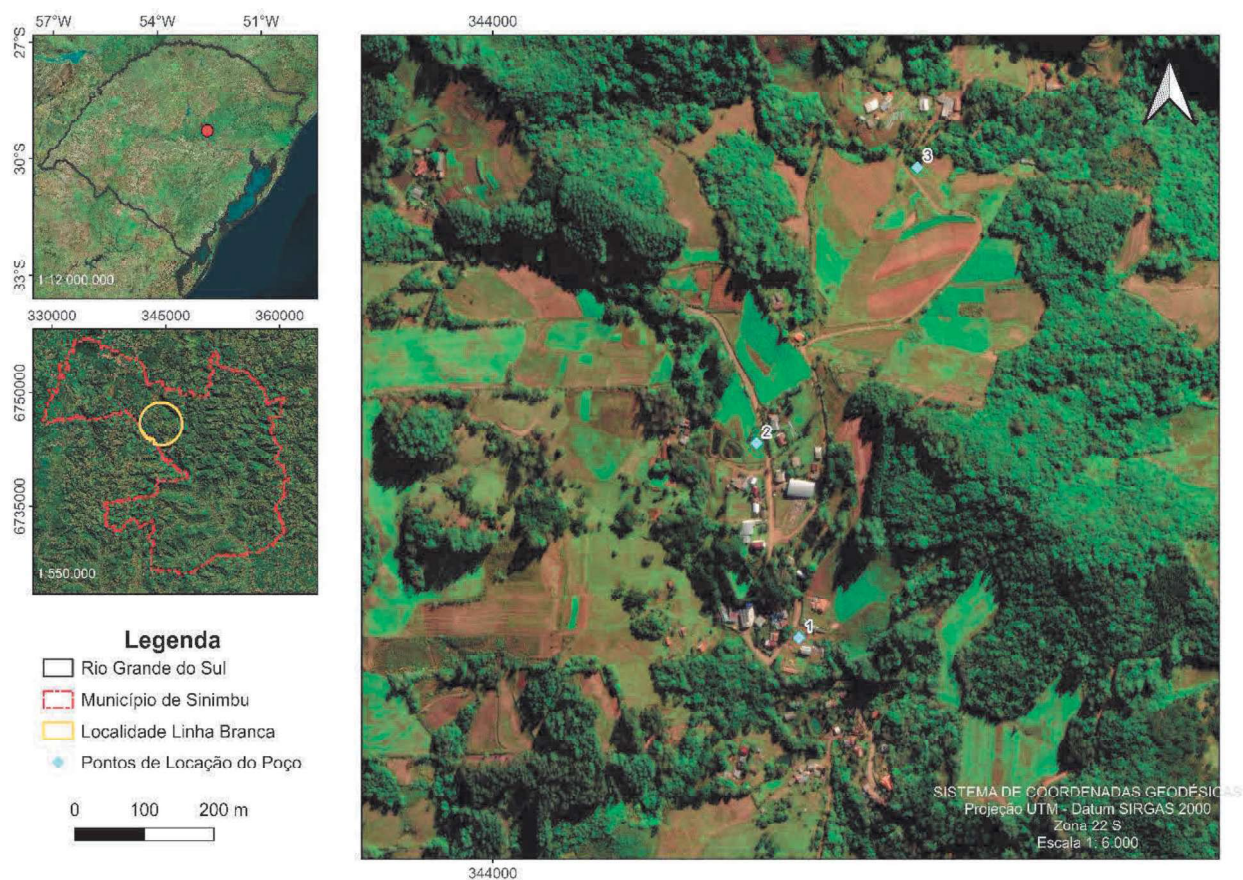


Figura 7. Imagem de satélite da área de estudo, na qual a área delimitada está destacada em amarelo, enquanto os pontos em azul indicam as localizações previstas para a perfuração do poço.

Tabela 2. Pontos cotados para perfuração e instalação de poço tubular na área de estudo

PONTO	1	2	3
COTA ALTIMÉTRICA (m)	516	524	484
LATITUDE (GMS)	-29°24'34"815	-29°24'25"698	-29°24'12"912
LONGITUDE (GMS)	-52°36'12"163	-52°36'14"290	-52°36'05"514

V PROJETO DE PERFURAÇÃO

V.1 ETAPA PRELIMINAR

Antes de iniciar a perfuração, a empresa responsável pela perfuração deverá solicitar a Anuência Prévia no SIOUT/DRH-RS (Sistema de Outorga de Água do Rio Grande do Sul) indicando as coordenadas definidas previamente, bem como os dados de construção e litologia definidos neste projeto. A empresa perfuradora deverá obrigatoriamente estar cadastrada no SIOUT/DRH-RS.

O poço será perfurado inicialmente em rochas ígneas extrusivas da Formação Serra Geral, Fácies Gramado e em rochas sedimentares da Formação Botucatu. Neste contexto, a água estará presente na porosidade secundária das rochas, como falhas e fraturas e na porosidade primária das rochas, como poros intergranulares, respectivamente. A vazão dos poços pode variar amplamente de acordo com as condições geológicas e hidrogeológicas específicas de cada local dentro dos sistemas de aquífero presentes.

Há expectativa de obtenção de vazões próximas a 7 m³/h e para isso pretende-se perfurar até a profundidade de 150 m.

Caso sejam necessárias adequações na execução do projeto o orçamento deverá ser reajustado a preço de mercado e conforme descrito nos itens do orçamento, que deverá ser aprovado pelos fiscais designados para fiscalizar os trabalhos.

V.2 PERFURAÇÃO

O poço será perfurado segundo as Normas da ABNT – NRB 12212 (2017) – Projeto de Poço para Captação de Água Subterrânea e NBR 12244 (2006) – Construção de Poço para Captação de Água Subterrânea.

O método de perfuração será rotativo-pneumático e ocorrerá preferencialmente nas coordenadas pré-definidas, conforme anuência prévia para a perfuração do poço.

V.3 REGISTRO DE PERFURAÇÃO

Durante os trabalhos de perfuração deverá ser mantido no local da obra e, sempre atualizado, um boletim diário de perfuração contendo as seguintes informações mínimas:

- Diâmetros da perfuração executada.
- Metros perfurados e profundidade total do poço ao fim de cada jornada de trabalho.
- Amostragem do material perfurado.
- Intervalos produtores de água.
- Intervalos de desmoronamentos (quando existentes).
- Intervalos revestidos.

V.4 FLUIDO DE PERFURAÇÃO

Caso necessário deverá ser utilizado como fluido de perfuração lama a base de bentonita e água doce, ou água doce de polímero (Carboxi-Metil-Celulose ou equivalente).

V.5 COLETA DE AMOSTRAS DA PERFURAÇÃO

A amostragem do material perfurado deverá ser feita a cada 3,0 m (três metros) e sempre que ocorrer mudança de litologia. Tais amostras deverão ser secadas e colocadas em sacos plásticos numerados, contendo a identificação do poço e do intervalo de profundidade representado.

V.6 POÇO NÃO PRODUTIVO

Em caso de atingir a profundidade estimada neste projeto de perfuração de poço e não for verificado em teste preliminar vazão adequada (suficiente para atender a população), a empresa responsável pela perfuração deverá executar o tamponamento do poço.

O tamponamento deve impedir que infiltrações superficiais tenham contato com as águas subterrâneas. Dessa forma, o espaço interno deve ser totalmente preenchimento com material inerte a base de brita granítica ou vulcânica, areia ou o material da própria perfuração, até uma profundidade de, no mínimo, 3 (três) metros abaixo do limite superior da rocha sã, sendo toda a parte superior restante, que totalize 20 m iniciais preenchidos com pasta de cimento até a superfície, buscando a máxima vedação sanitária possível.

Independentemente do estabelecimento da profundidade em que se encontra a rocha sã ou mesmo da profundidade que porventura possa existir uma vedação sanitária, o preenchimento com cimento nunca deve ser inferior a 20 metros de profundidade a partir da superfície do terreno, para o caso de poços tubulares, preenchendo-se a parte inferior com o material inerte acima citado.

A saliência da captação existente acima da superfície do terreno deverá ser destruída, sendo que o local do poço após o lacre e tamponamento deverá ficar nivelado com a superfície do terreno.

VI PROJETO CONSTRUTIVO FINAL DOS POÇOS

O projeto construtivo final do poço (posicionamento de tubos de revestimentos, filtros, pré-filtro e cimentações), somente poderá ser definido após concluído os trabalhos de execução do furo e mediante presença da fiscalização.

VI.1 COMPLETAÇÃO

VI.1.1 REVESTIMENTO

O revestimento será em tubulação de PVC do tipo geomecânico standard, nervurado. O diâmetro nominal será definido posteriormente, mas recomenda que seja de 4 polegadas no mínimo.

O revestimento deverá ser instalado de forma que possibilite que a boca do poço fique pelo menos 50 cm acima da laje de proteção sanitária.

VI.1.2 CIMENTAÇÕES

VI.1.2.1 CIMENTAÇÃO PARA PROTEÇÃO SANITÁRIA

A proteção sanitária do poço deverá preencher o espaço anular entre a parede da perfuração e a coluna de revestimento com concreto, com espessura mínima de 75 mm, com a finalidade de preservar a qualidade das águas subterrâneas e de as proteger contra contaminantes e infiltrações de superfície. A profundidade mínima depende da geologia local, sendo recomendada no mínimo 12 m ou 3 m abaixo das rochas inconsolidadas. Devido às incertezas esse valor poderá mudar conforme a geologia encontrada na área.

Tal cimentação deverá ser feita através da introdução de uma calda de cimento – água (proporção 50 kg de cimento: 85 litros de água) no espaço anular existente entre o revestimento e a parede da perfuração.

VI.1.2.2 CIMENTAÇÃO PARA ISOLAMENTO DE AQUÍFEROS

Visando evitar contribuições de aquíferos indesejáveis e/ou isolamento de formações ferruginosas, sempre que julgado necessário será executada a colocação de um selo de cimento ao longo de toda a extensão do aquífero e/ou formação a ser isolada.

Esta cimentação deverá ser realizada mediante o bombeamento de uma calda de cimento e água através de tubos introduzidos no espaço anular até o local de posicionamento do selo de cimento.

Nenhum outro serviço será executado no poço durante as 24 horas que se seguirem à cimentação. O uso de aditivos ou de cimento de pega rápida será apenas permitido quando condições especiais assim o justificar.

VI.2 DESENVOLVIMENTO DO POÇO

Posteriormente a finalização da perfuração deve ser realizado o desenvolvimento do poço a fim de se obter uma melhor eficiência hidráulica, possibilitar a remoção do reboco e do material mais fino da formação aquífera em seu entorno, recuperar a porosidade e permeabilidade do aquífero, permitir captar água isenta deste material.

O desenvolvimento do poço deverá ser realizado da utilização de compressor e deverá prosseguir durante o período que se fizer necessário para a completa limpeza do poço, só podendo ser considerado como concluído quando for atingida uma turbidez menor ou igual 5 (cinco) UT.

O compressor a ser utilizado durante o desenvolvimento deverá ser de alta pressão, com equipamento que permita vazões iguais ou superiores a 60 pcm e pressão igual ou superior a 10 kg/cm².

Nenhum bombeamento efetuado durante o desenvolvimento do poço poderá ser considerado como teste de produção final. Contudo, fica resguardado à contratada o direito de poder utilizá-lo como um pré-teste.

VI.3 TAMPONAMENTO

Após a perfuração o poço deverá ser tamponado (fechado com tampa), assim permanecendo até sua instalação definitiva. Esse tamponamento deverá ser feito utilizando-se um “cap” de alumínio, preso por meio de parafusos à boca do poço.

VI.4 SISTEMA DE BOMBEAMENTO

Todas os componentes hidráulicos como conexões, curvas, tês etc. deverão ser instaladas conforme especificação dos fabricantes.

A empresa responsável pela perfuração deverá instalar o conjunto de bombeamento levando em consideração as seguintes premissas:

	Ponto 1	Ponto 2	Ponto 3
Nível dinâmico esperado	80 m	80 m	80 m
Desnível entre a bomba e o reservatório	86 m	86 m	86 m
Distância entre poço e o reservatório	10 m	10 m	10 m
Soma das perdas de carga	90 mca	90 mca	90 mca

Devido as incertezas na execução do projeto, os parâmetros utilizados para o dimensionamento do conjunto de bombeamento poderão ser alterados, o que exigirá recálculos após a definição exata da profundidade do nível estático e dinâmico do poço, dos materiais utilizados para a educação da água até o reservatório e a distância e altitude final do reservatório.

Preliminarmente, está prevista e orçada a instalação de bomba submersa de 4 HP, 16E para uma vazão de 7 m³/h, com perda de carga até 90 mca, rede monofásica, cabo elétrico de 80 x 10 mm² e tubo de edutor galvanizado de 1 1/2".

Além dos materiais já apontados, o conjunto de bombeamento deverá contar com tubo de monitoramento de 3/4 de polegada para a monitoramento do nível do poço, que deverá ser instalado até a profundidade da bomba, hidrômetro multijato para vazão nominal de 10 m³/h e vazão máxima de 20 m³/h, bem como a instalação elétrica, cabos e quadro de comando, necessária ao seu perfeito funcionamento em acordo com as especificações técnicas dos fabricantes.

A motobomba ficará suspensa por um flange (tampa de poço) e luva. Imediatamente após a saída do poço, unindo a tubulação, será instalada curva, união, niple, luva de redução e hidrômetro já definidos. Todos os tubos devem ser galvanizados a fogo com a finalidade de garantir uma maior durabilidade do equipamento e facilitar futuras manutenções.

A potência e a capacidade da motobomba estão de acordo com a necessidade de vazão para o consumo, assim como a energia elétrica da região e seguindo rigorosamente a recomendação técnica do fabricante do equipamento. O cabo elétrico de alimentação do conjunto motobomba será de 10 mm², com 80 (oitenta) metros de comprimento e estará ligado ao quadro de comando automático. Para a tubulação edutora serão utilizados 80 m de tubos de Tubo de Aço Galvanizado a Fogo 1 1/2", normatizado NBR 5580 com Roscas BSP.

A obra deverá ser executada por profissionais devidamente capacitados e após o término de toda a instalação, a rede hidráulica deverá ser testada conferindo a estanqueidade de todas as conexões e registros para sua aprovação.

Em caso de alterações de projeto devido a características produtivas do poço, o orçamento adequado proporcionalmente ao preço fornecido com preço de mercado, a ser aprovado pelos fiscais designados para fiscalizar os trabalhos.

VI.5 LAJE E PROTEÇÃO SANITÁRIA

Uma vez concluída a perfuração do poço, deverá ser construída uma laje de concreto (traço 1:2:3), com dimensões de 1,0 m x 1,0 m, envolvendo o tubo da boca do poço. Esta laje deverá apresentar uma declividade de 2%, do centro (poço) para a periferia, bem como formar um ressalto de pelo menos 10 cm sobre a superfície do terreno.

VI.6 RELATÓRIO FINAL DE PERFURAÇÃO

Uma vez concluído o poço, a contratada, obrigatoriamente, deverá encaminhar à contratante um relatório final do poço. Tal relatório deverá conter pelo menos os seguintes dados básicos:

- Data do início e conclusão do poço;
- Boletins diários de perfuração com a profundidade atingida vs tempo;
- Relatório de amostras e amostras coletadas;
- Perfil de tempo de penetração;
- Perfil geológico e construtivo do poço, indicando claramente os intervalos de posicionamento das seções filtrantes, ocorrência de fraturas no cristalino, cimentações, zonas desmoronantes, litologia etc.
- Vazão estimada no pré-teste;
- Níveis Estático e Dinâmico aproximado;
- Nota Fiscal com o custo da obra conferida e assinada pelo fiscal da obra designado pelo CONTRATANTE.

VII ETAPAS PÓS PERFURAÇÃO

O teste de bombeamento de 24h será de responsabilidade da empresa contratada para perfuração do poço. O local previsto para a perfuração do poço não possui padrão de entrada para conectar a bomba, portanto a empresa deverá fornecer gerador com capacidade suficiente para realização do teste.

VII.1.1 REQUISITOS PARA A REALIZAÇÃO DOS TESTES

Antes de iniciar o bombeamento, a contratada deverá se certificar da posição do real do nível estático. Tal comprovação deverá ser obtida efetuando-se pelo menos três medidas da profundidade a cada meia hora.

As medições da profundidade do nível d'água dentro do poço durante o transcorrer do bombeamento deverão, obrigatoriamente, ser efetuadas com a utilização de um medidor elétrico, com fio numerado e com divisões milimétricas por meio de uma marcação identificadora de profundidade. Tal fiação, deverá ser introduzida no poço dentro de uma tubulação auxiliar de $\frac{3}{4}$ ", a qual deverá se estender até um metro acima do crivo da bomba.

Na medição da vazão bombeada serão empregados dispositivos que assegurem determinações de vazão com relativa facilidade e precisão. Para vazões de até 40 m³/h, serão empregados recipientes de volume aferido (apenas tambores de 200 a 220 litros), não deformados em bom estado de conservação. Vazões de 40 m³/h, serão determinadas por meio de sistemas contínuos de medida, tais como vertedores, orifício calibrado, tubo de ventura e outros.

Depois de concluído a fase de desenvolvimento do poço, devem ser executados teste de bombeamento e recuperação, a fim de se determinar vazão de exploração dele.

VII.1.2 TESTE DE BOMBEAMENTO

O equipamento a ser utilizado no teste de bombeamento será bomba submersível, devendo o sistema ser dimensionado de forma que possa extrair vazão igual ou superior a capacidade máxima de produção prevista para o poço.

O teste deverá ser executado em única etapa, por uma duração mínima de 24 horas de bombeamento contínuo, e iniciado após 06 horas do poço em completo repouso.

Durante o bombeamento, as medidas de vazão e do nível d'água no interior do poço serão realizadas conforme a frequência de tempos constante no modelo de planilha dado na entrega do projeto.

O teste de bombeamento deverá ser realizado por profissional capacitado mediante a apresentação de ART (Assinatura de Responsabilidade Técnica), que será conferida pelo fiscal do contrato durante a execução do teste.

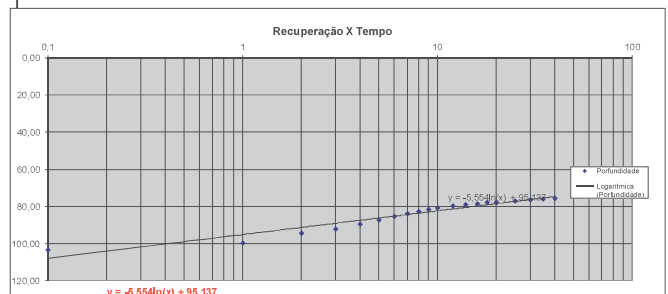
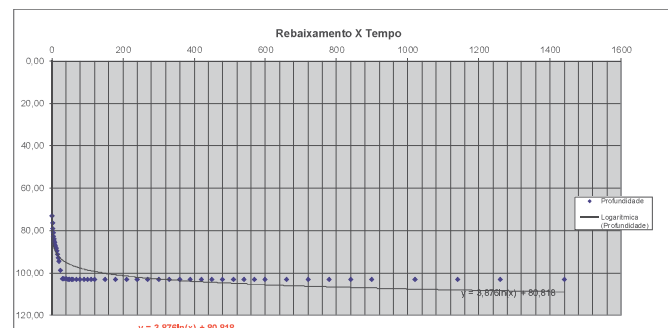
O medidor de nível deverá possuir graduação milimétrica com a finalidade de obter maior precisão nas leituras de nível.

VII.1.3 TESTE DE RECUPERAÇÃO DO NÍVEL

Uma vez terminado o teste de bombeamento, deve ser efetuado um teste de recuperação de 2 horas, caso tenha recuperado 80% do nível rebaixado, ou 4 horas de recuperação, caso não tenha atingido 80% de recuperação do nível rebaixado.

No teste de recuperação a frequência dos tempos de medida do nível d'água no interior do poço será idêntica à do teste de bombeamento, conforme o modelo de planilha dado na entrega do projeto (Figura 8)

PLANILHA DE TESTE DE BOMBAMENTO											
LOCAL: Linha Brasil - Associação Hídrica Santa Catarina						MUNICÍPIO: Vitória Aires					
POÇO Nº: 1		DIÂMETRO (mm): 6				PROFUNDIDADE (m): 108					
BOMBA: VROP 44		HP: 4,5				Nº DE ESTAGIOS: 23					
CRIVO (mm): 105											
ALTURA DA BOCA DO POÇO (m): 40 cm											
DATA: 05/02/2021		INÍCIO: 12:24		DATA: 06/02/2021		TERMINO: 13:19					
N.E (m): 67,92		N.D (m): 103,27				REBAIXAMENTO (m): 35,35		RECUPERAÇÃO (%): 28,57			
VOLUME TOTAL BOMBADO (m³): 76,68						RECUPERAÇÃO (%): 80,820368					
REBAIXAMENTO											
HORA	t (min)	N.D. (m)	S(rch) (m)	Q (m³/h)	Q/S (m³/h.m)	Volume bombeado (m³)	(Até 80% em relação ao N.D)				
							t* (min)	N.A. (m)	S* (m)	Q*	
0,1			-67,92	6,7	0,00	0,00	0,1	103,27	35,35		
1	75,08	5,16	6,7	1,30	0,10		1	99,50	31,58	1441,00	
2	76,50	8,58	6,7	0,78	0,11		2	94,30	26,38	721,00	
3	79,15	11,23	6,7	0,60	0,11		3	92,13	24,21	481,00	
4	81,13	13,21	6,7	0,51	0,11		4	89,55	21,63	361,00	
5	82,80	14,88	6,7	0,45	0,11		5	87,20	19,28	280,70	
6	84,00	16,08	6,7	0,42	0,11		6	85,21	17,29	241,00	
7	84,96	17,04	6,7	0,39	0,11		7	83,75	15,83	206,71	
8	85,80	17,88	6,7	0,37	0,11		8	82,72	14,80	181,00	
9	86,50	18,58	6,7	0,36	0,11		9	81,70	13,78	161,00	
10	87,15	19,23	6,7	0,35	0,11		10	80,87	12,95	145,00	
12	88,36	20,44	6,7	0,33	0,22		12	79,86	11,94	121,00	
14	89,68	21,76	6,7	0,31	0,22		14	79,06	11,14	103,86	
16	91,30	23,38	6,7	0,29	0,22		16	78,50	10,58	91,00	
18	92,98	25,04	6,7	0,27	0,22		18	77,88	10,06	81,00	
20	94,66	26,74	6,7	0,25	0,22		20	77,63	9,71	73,00	
25	98,96	31,04	6,7	0,22	0,56		25	76,92	9,00	58,00	
30	102,72	34,80	6,7	0,19	0,56		30	76,54	8,44	49,00	
35	102,72	34,80	3,9	0,11	0,32		35	75,98	8,04	42,14	
40	102,88	34,96	3,9	0,11	0,32		40	75,62	7,70	37,00	
45	103,10	35,18	3,4	0,10	0,28		45	75,29	7,37	33,00	
50	103,15	35,23	3,4	0,10	0,28		50	75,01	7,09	29,80	
55	103,19	35,27	3,4	0,10	0,28		55	74,70	6,78	27,18	
60	103,19	35,27	3,2	0,09	0,27		60				
70	103,19	35,27	3,2	0,09	0,53		70				
80	103,19	35,27	3,2	0,09	0,53		80				
90	103,20	35,28	3,2	0,09	0,53		90				
100	103,20	35,28	3,2	0,09	0,53		100				
110	103,21	35,29	3,2	0,09	0,53		110				
120	103,21	35,29	3,2	0,09	0,53		120				
150	103,21	35,29	3,2	0,09	1,60		150				
180	103,22	35,30	3,2	0,09	1,60		180				
210	103,22	35,30	3,2	0,09	1,60		210				
240	103,22	35,30	3,1	0,09	1,55		240				
270	103,22	35,30	3,1	0,09	1,55		270				
300	103,22	35,30	3,1	0,09	1,55		300				
330	103,23	35,31	3,1	0,09	1,55		330				
360	103,23	35,31	3,1	0,09	1,55		360				
390	103,24	35,32	3,1	0,09	1,55		390				
420	103,24	35,32	3,1	0,09	1,55		420				
450	103,24	35,32	3,1	0,09	1,55		450				
480	103,24	35,32	3,1	0,09	1,55		480				
510	103,26	35,34	3,1	0,09	1,55		510				
540	103,26	35,34	3,1	0,09	1,55		540				
570	103,26	35,34	3,1	0,09	1,55		570				
600	103,26	35,34	3,1	0,09	1,55		600				
660	103,26	35,34	3,1	0,09	3,10		660				
720	103,26	35,34	3,1	0,09	3,10		720				
780	103,27	35,35	3,1	0,09	3,10		780				
840	103,27	35,35	3,1	0,09	3,10		840				
900	103,27	35,35	3,1	0,09	3,10		900				
1020	103,28	35,36	3,1	0,09	6,20		1020				
1140	103,28	35,36	3,1	0,09	6,20		1140				
1260	103,27	35,35	3,1	0,09	6,20		1260				
1440	103,27	35,35	3,1	0,09	9,30		1440				



Rebaixamento

 $T = (0,183 \cdot Q) / \Delta S$ 0,083564
 $q = T \cdot X 0,8$ e $q = Q / (ND - NE)$ 0,050851 e 0,087694
 $Q_{otima} = (T \cdot X 0,8) \cdot (ND - NE)$ 1,797599

Recuperação

 $T = (0,183 \cdot Q) / \Delta S$ 0,04436
 $q = T \cdot X 0,8$ e $q = Q / (ND - NE)$ 0,035488 e 0,087694
 $Q_{otima} = (T \cdot X 0,8) \cdot (ND - NE)$ 1,2545

VII.2 DESINFECÇÃO

Preliminarmente deverá ser realizada a limpeza e desinfecção do poço com a utilização de desincrustante e bactericida em pó à base de ácidos orgânicos combinados, biodegradável e isento de fosfato, específico para uso na limpeza de poços tubulares.

A desinfecção também poderá ser feita mediante aplicação de uma solução de Hipoclorito de Sódio à 10%, devendo ser aplicado meio litro de solução para cada metro cúbico de água armazenada dentro do poço.

VII.3 COLETA DE AMOSTRA DE ÁGUA PARA ANÁLISE FÍSICO-QUÍMICA E BACTERIOLÓGICA

A água do poço deverá ser analisada com todos os parâmetros físico-químicos e bacteriológicos necessários para a realização da outorga do poço.

A coleta de amostras de água para análises físico-química e bacteriológica deverá se dar após ter decorrido 24 horas da desinfecção do poço, armazenada em frascos esterilizados fornecidos pelo laboratório que fará os testes, credenciados pela FEPAM/DRH-RS. Após a coleta as amostras deverão ser conservadas em gelo e enviadas ao laboratório em prazo máximo de 24 horas.

Devem ser realizados os ensaios padrão da Portaria de Consolidação nº 5 do Ministério da Saúde de 03 de outubro de 2017, que se refere ao controle e a vigilância da qualidade da água de consumo humano e seu padrão de qualidade.

VII.4 CERCAMENTO

Para impedir o acesso de estranhos na área do poço, como também proteger o entorno dele, faz-se necessário à construção de um cercado.

A área de entorno do poço deve ser protegida com base em alvenaria e/ou concreto, tela, cerca ou outro dispositivo que impeça o acesso de pessoas não autorizadas, e com área mínima de 4 m² de forma a permitir o acesso, operação, manutenção e/ou ampliação futura do poço.

O cercado terá as seguintes características:

- Mourão de cerca em concreto, dimensões de 0,09 x 0,09 x 1,80 metros;
- Escora de mourão em concreto, dimensões de 0,09 x 0,09 x 1,50 metros;
- Arame galvanizado liso 14;
- Tela fio 12 malha 4;
- Portão com quadro tubo galvanizado 1", trinco cadeado, tela de arame galvanizado número 12 – malha 4, com dimensões de 0,8 m de largura e 1,0 m de altura;

- Dimensões do cercado: 2,0 m de largura, 2,0 m de comprimento e altura de 1,50 metro.

VIII OUTORGA DE USO DO RECURSO HÍDRICO SUBTERRÂNEO

O poço deverá ser cadastrado no SIOUT e posteriormente ao cadastro, deverá ser realizado o requerimento de outorga para a captação de água subterrânea.

Para a realização da outorga o poço deverá estar cercado com grade ou tela, o cercado deve ter área mínima de 4 m² e impossibilitar o acesso de estranhos.

Para a finalidade de consumo humano, o poço também deverá estar dotado de dosador de cloro, torneira para coleta de amostra de água e dispor de aparelho medidor de nível.

IX PERFIL CONSTRUTIVO PADRÃO

Para a localização definida, é esperado que o poço seja revestido com tubo geomecânico em PVC, com instalação de filtro geomecânico nos últimos 20 metros de profundidade, em função das condições geológicas do local. Nos primeiros 5 metros de perfuração, será necessária a instalação de ferro calandrado para escoramento do solo. Abaixo da cimentação anular, prevista até 20 metros de profundidade, será executada uma camada isolante de compactolit com espessura de 2 m, seguido da instalação do pré-filtro, constituído por areia de granulometria média.

O perfil construtivo esperado para o poço, nos três pontos selecionados, segue a figura abaixo, no qual é recomendado uma perfuração de 150 m, com a instalação de bomba submersa em 80 m, onde se espera encontrar o nível dinâmico mais profundo do aquífero. Deve-se salientar que, na ocorrência de alcançar entradas de água em menores profundidades do que a esperada com vazão suficiente, o poço não possui a necessidade de alcançar toda a metragem de perfuração planejada.

Deve-se atentar que a limitação do aprofundamento dos poços é devida as condições físico químicas da água, pois quanto mais profundos os poços nessa região, maiores são as chances de obter água salobra e com presença de flúor, o que pode comprometer a qualidade da água e até impossibilitar a sua potabilidade.

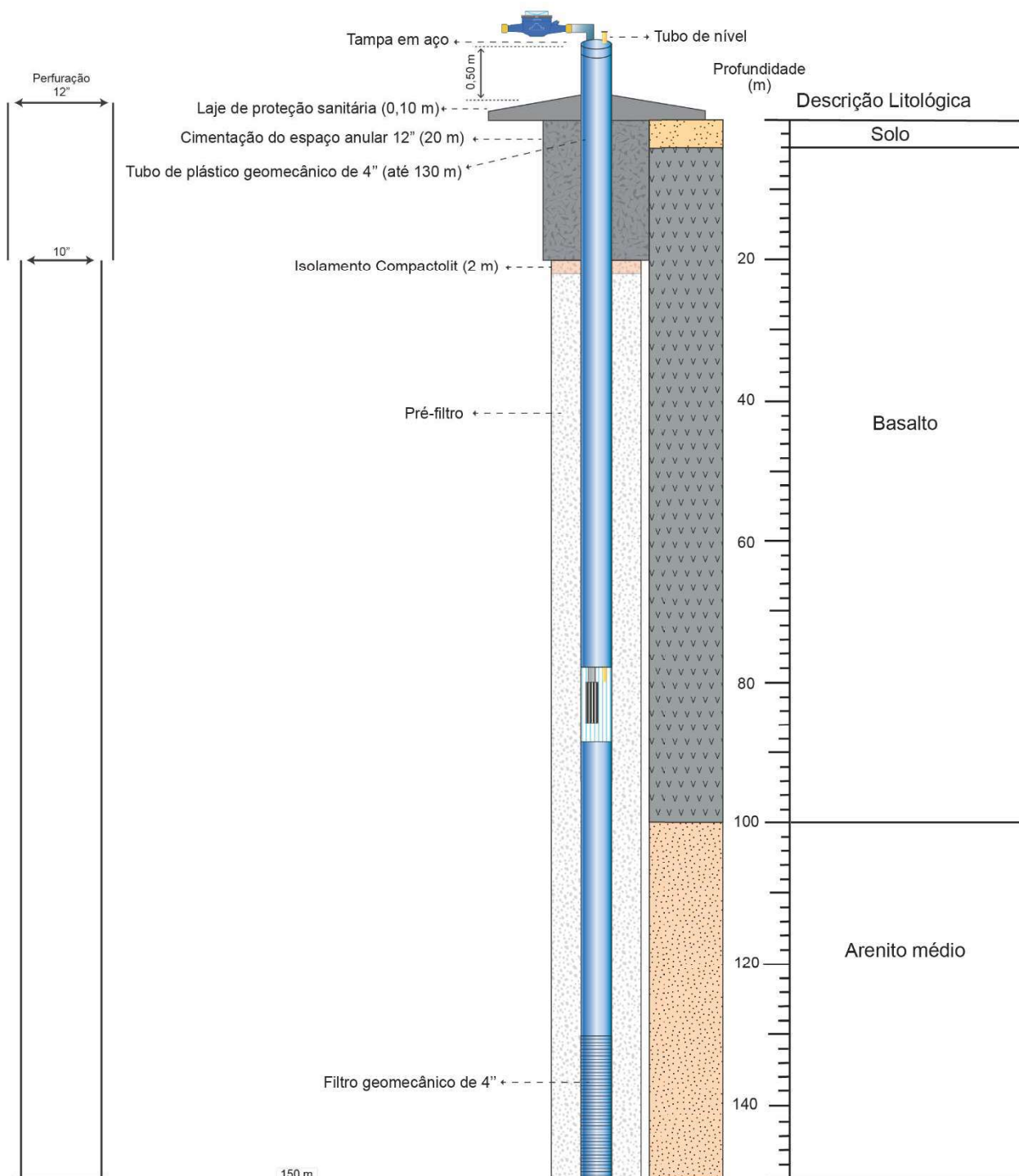


Figura 9. Perfil geológico e construtivo de poço tubular com 150 m de profundidade, 10" de diâmetro de perfuração e 4" de diâmetro útil (revestimento). Pontos 1, 2 e 3.

X IMPLANTAÇÃO DE MEDIDAS MITIGADORAS DE IMPACTO AMBIENTAL E DE SAÚDE DOS PROFISSIONAIS

- As máquinas e equipamentos devem obedecer a horários para operar, diminuindo o ritmo dos trabalhos nos horários considerados de repouso da população vizinha, ou seja, operar entre às 8:00 e 12:00 horas e entre às 13:30 e 18:00 horas;
- Durante a atividade de perfuração deverá ser instalada sinalização luminosa, indicando riscos de acidente;
- Com relação à prevenção para se evitar possíveis vazamentos ou derramamentos de óleos e/ou graxas no local, as máquinas devem estar em perfeitas condições, recomendando-se que a manutenção e o abastecimento delas sejam realizados previamente em locais adequados.
- Atender as solicitações do Fiscal do Contrato;
- Apresentar Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) tantas quantos forem às necessárias;
- Depositar os rejeitos de obra em local adequado (licenciado);
- Comunicar o Fiscal do Contrato (com antecedência suficiente) sobre possíveis intervenções nas vias públicas. Também solicitar a este que comunique o órgão municipal competente;
- Fornecer material, mão de obra e equipamentos necessários a completa e adequada execução do objeto;
- Exercer a supervisão e a administração dos serviços;
- Respeitar e promover as Normas de Segurança e de Medicina do Trabalho;
- Disponibilizar EPI's e EPC's adequados e convenientes para execução dos trabalhos, tendo estes Certificados de Aprovação (CA);
- Promover e cumprir a Gestão dos Resíduos Sólidos, conforme estabelece a Resolução do CONAMA nº 307, de 5 de julho de 2002. Tem-se, ainda, que observar, prevenir e fazer cumprir os artigos 46, 49 e 60 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente;
- Manter como Responsável Técnico, na execução do contrato, o mesmo profissional detentor do atestado de responsabilidade técnica, para atendimento à qualificação técnico-profissional da fase de habilitação do processo licitatório, ou outro profissional que atenda os mesmos requisitos previstos no edital, desde que aprovado pela administração;
- Utilizar vestimenta regulamentada para o trabalho;

- Utilizar, empregar e implementar Equipamentos de Proteção Coletivas (EPC);
- Utilizar equipamentos de Proteção Individuais (EPI's) mínimos, necessários e adequados para o ambiente de trabalho.

XI RESPONSÁVEL

JONATAS MONTEIRO
DA SILVA
AVELINO:34497223876

Assinado de forma digital por
JONATAS MONTEIRO DA SILVA
AVELINO:34497223876
Dados: 2026.04.16 08:18:24 -03'00'

Jonatas Monteiro da Silva Avelino

Geólogo – CREA RS-215058